

Novos processos educacionais: reflexões sobre processos avaliativos na Sala de Aula Invertida

Profa. Mestra Denise Tangerino

RESUMO

O presente artigo traz uma reflexão sobre a Sala de Aula Invertida, aplicada durante a disciplina de Convergência de Mídias, Redes e Compartilhamento, no curso de Comunicação Social, do Centro Universitário Belas Artes. Para tal, iniciamos o trabalho compreendendo o que é educação para a Constituição Federal de 1988 e suas implicações, passando pelo importante Relatório Dellores e por autores basilares na pedagogia, como Paulo Freire e Vygotsky, finalizando na análise do trabalho de duas alunas que desenvolveram seus trabalhos em caminhos distintos, porém com resultados finais incríveis.

PALAVRAS CHAVES: Comunicação. Andragogia. Avaliação. Sala de Aula Invertida. Portfólio.

ABSTRACT

This article presents a reflection on the Inverted Classroom, applied during the course of Convergence of Media, Networks and Sharing, in the course of Comunicação Social, do Centro Universitário Belas Artes. To that end, we started the work comprising what is education for the Federal Constitution of 1988 and its implications, including the important Dellores Report and the basic authors in pedagogy, such as Paulo Freire and Vygotsky, concluding the analysis of the work of two students who developed their works in distinct ways, but with incredible final results.

KEY WORDS: Communication. Andragogy. Evaluation. Inverted Classroom. Portfolio.

Nos últimos anos, uma das maiores pautas da educação brasileira¹, quando não mundial, tem sido as novas formas de ensino/aprendizagem² com o objetivo de estimular a autonomia na busca pelo conhecimento, construir pensamentos abertos e inclusivos que abarque as minorias excluídas e as camadas menos favorecidas socialmente e, principalmente, contribuir para frear a evasão escolar. Vale ressaltar o fato de que até a Constituição Federal de 1988³, a educação para todos não estava prevista, demarcando limites de acesso ao âmbito escolar, como é possível verificar:

Art. 205. A educação, direito de todos e dever do Estado e da família, será promovida e incentivada com a colaboração da sociedade, visando ao pleno desenvolvimento da pessoa, seu preparo para o exercício da cidadania e sua qualificação para o trabalho.

A Constituição de 1988 é conhecida por seu caráter democratizador em diversos âmbitos e aspectos, e na educação de base não foi diferente, pois pela primeira vez desde as escolas jesuítas⁴, - que tinham um papel claramente catequizador - nunca se vivenciou uma proposta na qual é direito de todos o acesso básico à educação escolar, independente de sua idade, gênero, classe social e qualquer outro fator que poderia servir de comparativo discriminatório. Pelo momento em que ela foi promulgada, após um duro período militar marcado por inúmeras censuras e o mascaramento das mazelas sociais, é possível ressaltar e ampliar bem a palavra cidadania e qualificação para o trabalho, dois conceitos que estavam em crise e tinham que urgentemente ser pensados para o estabelecimento de um novo país, com maior

¹ Vale lembrar que a Educação a Distância foi um dos tópicos mais importantes e discutidos durante as eleições presidenciais de 2018, na qual o candidato Jair Bolsonaro enfatizou a abertura desta modalidade de ensino e aprendizagem no Ensino Médio.

² Para aprofundamento na questão das TIC's, aconselhamos o acesso ao site da Unesco, pois há uma gama considerável de materiais gratuitos sobre o tema:
<http://www.unesco.org/new/pt/brasil/communication-and-information/access-to-knowledge/ict-in-education/>

³ Acesso: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constituicao.htm, em 12/12/2019.

⁴ Citamos os jesuítas por terem sido os precursores de um ensino sistematizado, muito parecido com o que hoje consideramos como escola. Naquela época, pela própria estrutura social, as crianças que tinham acesso ao ensino formal eram os filhos dos ricos e portugueses.

empregabilidade e conquista de direitos sociais mínimos, como educação e saúde. Afinal, o que mais digno é do que um ensino que conduza o aluno ao aprendizado de sua cidadania e participação social?

Já no artigo 206, da Constituição de 1988, são enumerados outros pontos que não poderiam ser pensados indissociadamente ao acesso à educação básica, como:

I - igualdade de condições para o acesso e permanência na escola; II - liberdade de aprender, ensinar, pesquisar e divulgar o pensamento, a arte e o saber; III - pluralismo de idéias e de concepções pedagógicas, e coexistência de instituições públicas e privadas de ensino; (...) VII - garantia de padrão de qualidade⁵.

Os termos aqui sublinhados destacam os princípios que deveriam servir de sustentação para toda e qualquer ação que visasse a aprendizagem no país, independente da localização e das condições sócio-econômicas encontradas. Não é à toa que foi nessa época de grandes transformações na organização brasileira, que o pedagogo Paulo Freire⁶ propõe suas obras sempre com o foco educar para libertar, educar para a não opressão, contextualizar a educação, não descartar a realidade do aprendiz mas trazê-la como viga fundamental do crescimento do aluno.

Seguindo os mesmos eixos de democratização do ensino, a Constituição de 1988 vai abordar o ensino superior, - em breve o *lôcus* único de discussão deste artigo - que as universidades gozam de 'autonomia didático-científica, administrativa e de gestão financeira e patrimonial, e obedecerão ao princípio de indissociabilidade entre ensino, pesquisa e extensão'⁷. Veja, o art. 207, que trata das questões concernentes à educação superior, que, na verdade, apenas pincela alguns pontos bem incipientes, não descarta os princípios da educação básica, apenas acrescenta a autonomia do ensino superior. Enquanto o ensino básico tem como normativa

⁵ Aqui foi selecionado alguns princípios que são pertinentes para esse artigo.

⁶ Indicamos aqui o livro *Pedagogia da Autonomia*, de 1996, por ter sido a última obra escrita pelo autor e publicada ainda em vida, traz uma reflexão madura e muito substancial sobre a autonomia do aluno no processo de aprendizagem e na construção da autonomia científica.

⁷ Art. 207, da Constituição Federal de 1988..

seguir um sistema curricular da federação, com adaptações a cada realidade, porém sem fugir dessa linha norteadora, no superior encontra-se como bússola a autonomia para propor cursos e disciplinas. Igualdade, liberdade, pluralidade e qualidade continuam sendo rizomas alimentadores do ensino e a partir da maturidade constituída por meio de uma educação para a cidadania, a autonomia ampliaria ainda mais a possibilidade de atuação desse sujeito social, que agora está bem formado, teve acesso a todos os seus direitos constitucionais.

Entre a promulgação da lei, com todos os seus princípios a serem aplicados, um tempo de aplicação e maturação dos novos norteadores são necessários para verificar quais pontos realmente foram aplicados, quais devem ser reavaliados, quais são urgentes etc. Contudo, em 2010, como resultado de um encontro mundial da UNESCO, é constituído o Relatório da Comissão Internacional sobre Educação para o Século XXI, que ficou conhecido como Relatório Delors⁸, nome do relator. Este documento contou com o comprometimento de inúmeros países do mundo que assumiram como meta a melhora da qualidade de ensino e, para tal, uma revisão de como a educação neste século deve ser abordada com tantas transformações sociais, culturais e tecnológicas que estão em processo.

Os principais pilares para a educação do século XXI deliberados neste documento são: aprender a ser, aprender a viver juntos, aprender a conhecer e aprender a fazer. Veja, o termo sempre designado para o sistema educacional é **aprender**, jamais ensinar, afinal a normativa é perceber que o docente é um facilitador, mas o aprendizado se dá e se constrói pelo próprio agente, no caso o aluno. Cada um desses pilares deve contribuir para a construção de determinadas competências, que funcionarão de maneira integrada. São elas:

- Aprender a ser - motivação, autoconfiança, determinação superação.
- Aprender a viver junto - comunicação, elaboração, cuidado, compromisso com o coletivo, compromisso com o ambiente.

⁸ Para conhecer o relatório na íntegra: <http://www.comitepaz.org.br/dellors.htm>, acesso 12/12/2019.

- Aprender a conhecer - oralidade, leitura, resolução de problemas e autodidatismo.
- Aprender a fazer - trabalho em equipe, liderança e empreendedorismo.

Obviamente essas deliberativas foram pensadas e estruturadas com o foco no ensino básico, por isso contempla certas questões concernentes às séries iniciais e médias do processo de crescimento e maturidade do estudante, como a oralidade e leitura. De certa maneira, a maioria dessas habilidades devem vir construídas no aluno que parte para o Ensino Superior, contudo a partir da seriedade desse estudo pode-se usá-lo como base para pensar pontos do ensino em geral, inclusive na andragogia⁹.

Torna-se nítido que direções como a resolução de problemas e o autodidatismo são muito claros nos discursos do superior, bem como o empreendedorismo. São termos usados constantemente e servem como alicerce para propostas de uma nova pedagogia, agora, mais do que nunca, com o foco em nosso protagonista único e principal, o sujeito aluno. Essa resolutiva é positiva ou negativa? O aluno cresce ou desiste? O sujeito se torna autônomo ou desmotivado? São indagações infinitas que podem e devem ser levantadas com a finalidade única de melhoria ao acesso, seja do aluno em seu crescimento para a cidadania, como propõe a constituição, e para o professor, outro lado da moeda de um mesmo sistema educacional. Afinal, como ser um facilitador, docente, mestre sem a formação adequada e os aparatos corretos para tal trabalho? Ao nos depararmos com a Aprendizagem Invertida¹⁰, muito citada atualmente, contudo muito pouco definida, ou melhor, com dificuldades de delimitação de onde ela começa e onde deve terminar, ou até mesmo como ser conduzida em sua prática cotidiana, é percebida a necessidade

⁹ Termo cunhado pelo americano Malcom Knowles, em seu livro *The Modern Practice of Adult Education* (1970). Segundo o autor, os pilares da Andragogia são: Autonomia, Experiência, Prontidão para Aprender, Aplicação da Aprendizagem, Motivação para Aprender.

¹⁰ Segundo o Sebrae, Flipped Learning ou Aprendizagem Invertida é uma metodologia ativa e híbrida que desafia a atual lógica dos processos de ensino-aprendizagem. Nela, o que tradicionalmente acontece em sala de aula (exposição de conteúdos, demonstrações etc.) passa a ser feito em casa. Acesso: <http://www.sebrae.com.br/sites/PortalSebrae/artigos/conheca-a-metodologia-de-educacao-empresendedora-aprendizagem-invertida,ed633ea344900610VgnVCM1000004c00210aRCRD>, no dia 10/12/2018, às 8h.

de compreensão pelo menos dos métodos a serem utilizados para que a mesma seja protagonista das disciplinas no ensino superior.

Segundo o Sebrae¹¹, órgão não acadêmico mas que tem contribuído para a propagação dessa metodologia, a Sala de Aula Invertida (Flipped Learning), pode ser dividida em três grandes momentos:

- **Antes da aula:** o professor planeja, elabora o conteúdo e compartilha com os estudantes o que deve ser acessado para que, individualmente, realizem o que foi proposto dentro do cronograma pactuado. Esse é o momento de protagonismo na aprendizagem do estudante, em que ele, individualmente, busca compreender os conteúdos propostos, dentro do seu ritmo de aprendizagem.
- **Durante a aula:** é o momento que os estudantes colocam “a mão na massa” e praticam o que estudaram. Esse espaço é coletivo, mediados pelo professor/tutor, os alunos realizarão atividades práticas para analisar, avaliar, criar etc. a partir do que foi estudado. O principal diferencial da metodologia é a presença qualificada e o olhar atento do professor/tutor para a aprendizagem dos seus estudantes.
- **Depois da aula:** o professor/tutor avalia o momento presencial para seguir com o planejamento, podendo continuar com o que foi estudado (caso perceba que ainda existem muitas dúvidas) ou partir para novo tópico. De outro lado, os estudantes poderão, individualmente, realizar as revisões necessárias ou fazer o ciclo girar novamente, para o momento antes da aula.

Nas três etapas temos uma inversão da pedagogia tradicional, afinal o aluno trabalha de forma autônoma na maior parte do tempo, vem para a sala para realizar trabalhos individuais e coletivos

¹¹Site do Sebrae: www.sebrae.com.br, acesso: 10/12/2018.

e voltam com novas questões a serem discutidas novamente coletivamente. Para tal, são necessárias estruturas físicas e tecnológicas que permitam essa realização, estimulando ambos os lados da moeda, alunos e docentes, para um novo patamar, na qual devem sair de seus lugares historicamente tradicionais de fala e procurarem novas formas de atuação protagonista, sempre com a finalidade de aprender algo com o foco no mercado, que também não está mais configurado nos ditames modernos, mas estruturado a absorver os profissionais preparados para a economia criativa e os empreendedores entusiastas. Conseguem perceber que são muitos conceitos líquidos, emprestando o conceito de liquidez de Bauman (1999), em uma sociedade com tanta solidez que se desmancha no ar, como analisa Lipovetsky (2007).

Tudo isso parece uma dança sincronizada e harmônica dançada como da Companhia Bolshoi, na qual nada sai do lugar sem que seja milimetricamente ensaiado, em concordância com a tônica da música. Pura inspiração e dedicação. Contudo, a prática educacional pode, e na maioria dos casos é, completamente diferente do mundo idealizado, contando com as dificuldades de processo como motivar o aluno a autonomia do aprendizado. Muitas vezes, depara-se com alunos com a preocupação da nota atribuída à avaliação recebida e com as faltas que podem levá-lo à reprovação, enquanto que o seu próprio crescimento e aprendizagem são pouco questionados.

No desafio de ensinar no Ensino Superior, na disciplina teórica de Convergência de Mídias, para o curso de Comunicação Social em suas três grandes áreas e observando as questões já abordadas, objetivou-se um método avaliativo que buscasse encontrar o potencial de cada aluno. Para tal, partiu-se do que intitula-se a tríade avaliativa, por serem metodologias base para a construção de avaliações de ensino¹²:

¹² Conceitos retirados dos estudos realizados pela Faculdade de Educação da Universidade Federal de Juiz de Fora, referência nos estudos acadêmicos sobre Educação a Distância. Para aprofundamento, acesse: <http://www.portalavaliacao.caedufjf.net/>, data 12/12/2018.

- Avaliações Diagnósticas - que medem o conhecimento que os alunos já possuem ao chegar na disciplina. Aqui, muitos educadores partem para o uso de discussões em plenária, provas iniciais pouco ou nada pontuáveis, ou ainda, as famosas redações sobre um determinado tema que seja possível medir a apreensão e o poder de análise do aluno.
- Avaliações Formativas - são aquelas que vão sendo aplicadas a longo do curso para medir, sim como uma régua de crescimento, o quanto o aluno está de fato compreendendo da disciplina e se ele está conseguindo absorver formas diferentes de avaliação, como questões de alternativas, dissertativas e estudos de caso.
- Avaliações somativas - infelizmente, para muitos, ela serve para criar uma linha que determina se o aluno passou ou não para a próxima etapa do curso, para o semestre seguinte. Para algumas disciplinas, como as de base em cálculos, essa avaliação tem um sentido bastante central, pois é necessário que o aluno tenha a lógica e as fórmulas necessárias a serem aplicadas em projetos.

Obviamente, cada modalidade de avaliação tem uma fundamentação teórica e pedagógica, - que aqui não vem ao caso explicar, pela amplitude de teorias e aplicações de cada uma delas - que devem ser consideradas pelo docente. Ressalta-se que o docente tem que ter com muita clareza o porquê de cada avaliação e, muito além, o que ele está realmente medindo no aluno.

No caso da disciplina em questão, o ponto inicial se deu no detectar que os alunos em geral tinham baixíssima base de conhecimento sobre os temas atuais, como convergência¹³, e que sua referência de audiovisual era praticamente nula para os temas que seriam abordados em sala de aula. A partir disso, firmamos a metodologia de assistir os filmes juntos, abrimos uma discussão conjunta com a turma inteira e a cada aula estabelecemos um tema que embasaria a produção de um cartaz/prancha, nos moldes solicitados pela docente.

¹³ Como base teórica para o estudo da convergência, utilizamos o livro de Henry Jenking, A Cultura da Convergência, 2009.

Nota-se que a avaliação formativa, aquela estabelecida de forma contínua para estimular a produção do aluno, tornou-se a criação de um portfólio de pranchas criativas contendo uma reflexão visual do tema estabelecido. Cada aluno tinha plena liberdade de usar as ferramentas que se sentisse mais confortável para essa criação, independente da tecnologia aplicada. No dia da entrega dos portfólio, - em breve serão mostrados alguns materiais - foi aplicada uma prova escrita, baseada em três textos previamente lidos, que serviu como uma avaliação também formativa, na qual a docente pode observar a dissonância entre criação visual e produção escrita. A formação somativa, para esse artigo de menor importância, pois não foi o foco em questão, foi construída ao final da disciplina com a entrega de trabalhos em grupo que mesclavam produção imagética impressa, audiovisual com edição total do aluno de áudio e imagem em movimento, roteiro e análise escrita da produção, abrindo completamente o leque de possibilidades de avaliar os alunos em suas potencialidades.

Demonstrando a abordagem levantada, escolheu-se alguns trabalhos, de naturezas diferentes, que pudessem ilustrar como os alunos trouxeram resultados surpreendentes como resultado de cinco temas aqui ressaltados:

- Comunicação e mídia. Filmes: 2001: Odisséia no Espaço (1968) e A Guerra do Fogo (1981).
- Público e privado. Filme: Lady Diana (2013).
- Comunicação, mídia e tecnologia. Filme: Matrix (1999).
- Humano e pós-humano. Filme: Charpie (2015).
- Fake news. Filme: Lady Diana (2015) e matérias atuais.

A única exigência é que fosse feito em um formato específico, A3, e que não poderia fugir da essência do tema, independente da maneira com que o aluno fosse demonstrar visualmente. Ao final, apenas 2 alunos entregaram fora do tamanho pedido, porém previamente discutiram suas

produções com a docente que autorizou a mudança do mesmo, afinal, uma das pranchas era um espelho que ficaria extremamente frágil no A3 e a outra, que será mostrado em breve, desenvolveu seu pensamento por meio do bordado, ficando inviável por uma questão de tempo trabalhar manualmente o material nas dimensões inicialmente pedida.

ALUNA 1

A técnica escolhida pela aluna foi a de colagem, trazendo materiais diversos, como: papéis coloridos, brilhantes e os antigos disquetes, que surpreendeu uma vez que a própria aluna nunca utilizou o mesmo. A aluna compreendeu a ideia de portfólio, trazendo o conceito de unidade usando sempre o mesmo papel, com a mesma textura e cor.



ALUNA 2

Já a aluna 2, contando com suas habilidades naturais e pelo desejo de crescer em conhecimento de software, montar cada uma das suas pranchas totalmente montadas no Photoshop e Illustrator. O interessante que o uso dos equipamentos não é a maior força da aluna, mas ela se determinou a crescer no que acredita ser essencial para sua atuação profissional. Ela

estabeleceu seu portfólio trazendo todo o material em mesmo formato, porém cada prancha foi montada por meio de uma técnica gráfica diferente, como vemos abaixo:



Retomando as propostas de Malcom Knowles (1970), notamos que ao darmos o desafio para os alunos, - Montar um portfólio visual com os temas discutidos em aula - e dando a autonomia para que cada um procurasse o seu caminho gráfico para a construção do material final, criamos uma rede de experiências que eram trocadas aula à aula, afinal os alunos conseguiam visualizar o trabalho dos colegas e discernir o que estava interessante, o que poderia ser melhorado, o que estava fora de contexto. Poderíamos, inclusive, nos debruçar sobre a obra de Vygotsky (2006), que apesar de ter suas teorias constituídas na análise da infância, traz o conceito de Zona Proximal, que é a capacidade que os seres humanos possuem de aprender pela relação direta com o outro, com os outros, com os que estão no mesmo patamar de conhecimento e com os que estão no papel de mediadores, como o professor e o coordenador. Na troca entre o reconhecer o que é do “outro”, começo a perceber quem sou “eu” e onde estou, assim o sujeito pode crescer e desenvolver com mais ciência de seu processo.

Nos conceitos norteadores do ensino de adultos, abordados por Knowles (1970), o aluno só conseguiria atingir seu desenvolvimento se ele estivesse com a prontidão para aprender, se aplicasse esta aprendizagem e se a partir deste aprendizado se sentisse motivado para rever aquilo que já fosse consolidado em sua experiência. A aluna A, apesar de seu belíssimo trabalho apresentado, não se pré-dispôs a constituir novas habilidades e competências e escolher se

manter em suas experiências prévias, assim perdeu o tempo e a possibilidade de encontrar novos caminhos cognitivos. Já, a aluna B, reconheceu quem era, onde estava, e teve a disposição de caminhar por uma selva ainda muito desconhecida em sua trajetória, montando seu primeiro portfólio profissional que está sendo apresentado para agências de publicidade como material finalizado. Ambas tiveram a mesma oportunidade e boas notas, contudo cada uma utilizou de sua autonomia de maneira diferente e para chegar a lugares distintos.

REFERÊNCIAS

- BAUMAN, Zygmunt. Modernidade líquida. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2001. _____. Comunidade: a busca por segurança no mundo atual. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2003. _____. Arte da vida. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2009.
- Brasília, DF: Senado **Federal**: Centro Gráfico, 1988. BRASIL. **Constituição**(1988). **Constituição** da República Federativa do Brasil.
- DELORS, Jacques. Educação: um tesouro a descobrir. **Relatório para a UNESCO da Comissão Internacional sobre Educação para o século XXI**. São Paulo: Cortez, 1998.
- FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia**: saberes necessários à prática educativa. 7. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1998
- LIPOVETSKY, Gilles e CHARLES, Sébastien. **Os Tempos Hipermodernos**. São Paulo: Barcarolla, 2004. 129 p.
- KNOWLES, M. S. **The modern practice of adult education**: from pedagogy to andragogy. 2. ed. New York: Association Press, 1980.
- VYGOTSKY, L. S. **A formação social da mente**. Rio de Janeiro: Martins Fontes, 1996.
- VYGOTSKY, L. S. **Pensamento e Linguagem**. Rio de Janeiro: Martins Fontes, 1998.